

ENTREVISTA / JOSÉ SARNEY

Romoaldo de Souza

8. A3

“Política é a arte de harmonizar conflitos”

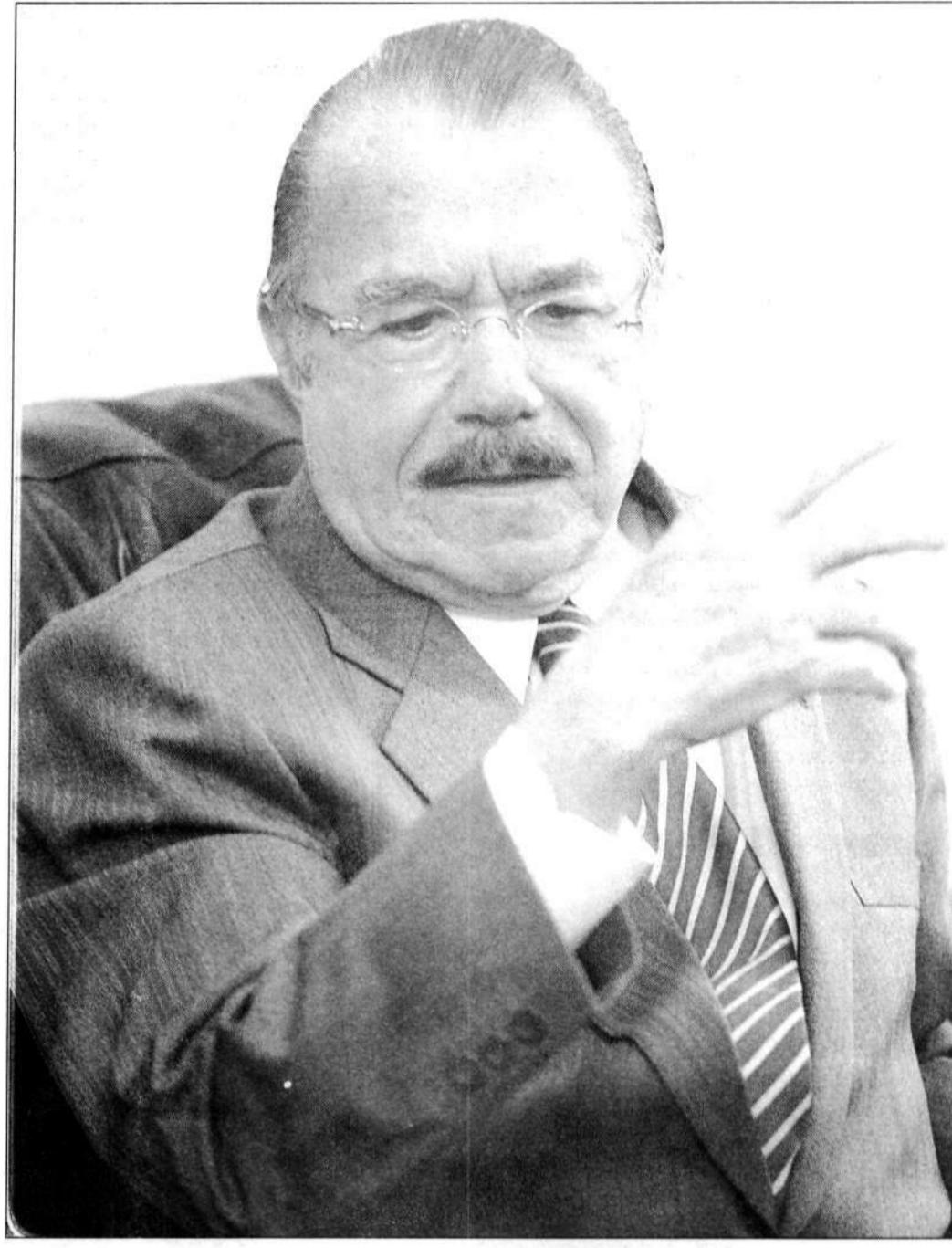
O senador José Sarney (PMDB-AP) já defendeu a União Democrática Nacional (UDN), apoiou sem restrições o regime militar, quando ingressou na Arena, e presidiu o país entre 1985 e 1990, no primeiro governo democrático pós-64, por ser o vice de Tancredo Neves. Ao que parece, na vida pública do senador, nunca haverá inimigo adverso o bastante que não possa vir a se tornar aliado incondicional. Assim deve ser compreendida a conversão de Sarney em homem de confiança do governo Lula. Tão de confiança que, nos bastidores da política de Brasília, o presidente do Congresso é tido como mais leal que muitos senadores do próprio PT, o partido do presidente da República.

— O PT não precisa de mim. Não há, entre nós, nenhum problema de natureza pessoal. Os homens públicos devem ter um terreno comum de entendimento que é o interesse nacional. É o que tenho feito. Política não é a arte da guerra. É a arte de harmonizar conflitos — diz.

Ocupante da cadeira nº 38 da Academia Brasileira de Letras desde 1980, Sarney também mantém um pé na política do Maranhão, onde nasceu e já ocupou quase todos os cargos políticos, e outro no Amapá, para onde transferiu seu domicílio eleitoral. Prestes a completar 74 anos, diz que está velho, “mas isso não impede que seja um velho charmoso”. Nascido em Pinheiro, durante a seca de 1930, que dizimou a produção agrícola nordestina, o senador se mostra abnegado, defendendo que se abra mão dos salários extras na convocação extraordinária.



A eleição de Lula coloca todas as classes sociais no poder. É um processo que deveria exigir uma colaboração de todos nós



André Lobo

CONVOCAÇÃO EXTRA

Sou a favor da convocação para que possamos votar mudanças que ainda faltam na reforma da Previdência. Quem acha que os deputados e senadores querem tirar vantagens financeiras da situação, está cometendo uma injustiça. Quando falo de convocação extra é porque houve um compromisso com mais de 40 entidades dos servidores públicos, que estão inquietas e intranquillas aguardando a votação da emenda paralela. Sou a favor de abdicar de qualquer subsídio, vantagem legal ou regimental a que tenhamos direito. O importante é que a sociedade possa acreditar na palavra dos políticos.

RECESSO PARLAMENTAR

O período de 45 dias de recesso (em vez dos atuais 90 dias) é um bom prazo. Evitaria essas convocações extraordinárias, sempre com problemas.

APOIO AO PT

O PT não precisa de mim. Eu é que tenho de servir ao Brasil. Minha responsabilidade, pelas atribuições que me foram dadas pelo povo brasileiro ao longo da minha vida, é a de ajudar e colaborar com o país. Não há, entre nós, nenhum problema de natureza pessoal. Os homens públicos devem ter um terreno comum de entendimento que é o interesse nacional. É o que tenho feito ao longo da minha vida. A política não é uma arte da guerra. É a arte de harmonizar conflitos.

O PRESIDENTE LULA

Acreditei, desde o princípio, que a eleição do presidente Lula era um momento importante da história política brasileira. Chegávamos ao fim do ciclo republicano, elegendo um marechal (Deodoro da Fonseca 1889-1891), depois as outras classes tiveram oportunidade. Se analisarmos sociologicamente, as classes agrárias, média, os setores industriais, todos participaram do poder, menos os operários. A busca para colocação de um operário no poder levou 100 anos. A eleição de Lula coloca todas as classes sociais no poder. É um processo que deveria exigir a participação e a colaboração de todos os brasileiros. Foi por isso que apoiei Lula. Estou

muito satisfeito porque ele é um presidente que está dando certo. Está fazendo o seu trabalho com grande competência, com grande visibilidade para o Brasil. Lula está mostrando que os operários também podem ter um desempenho tão bom quanto os outros representantes de outras classes que tiveram oportunidade de ocupar o poder.

REELEIÇÃO NO CONGRESSO

Não tenho nenhum interesse em exercer um novo mandato de presidente do Senado. Já estou na presidência pela segunda vez. Entendo que estou prestando um serviço à Casa e ao país, mas não tenho nenhum interesse pessoal em continuar.

ALIANÇAS

Em matéria de política, o Brasil é tão grande que nunca houve e nunca haverá no mapa político do país uma representação uniforme, presente em todos os municípios, de todos os partidos. Basta ver o número de legendas que temos e a diversidade da sociedade democrática. O que tenho sentido no partido (PMDB), contudo, é que há um desejo de fazer um acordo estratégico com o PT.

ACORDO COM O PT

O PMDB deve dar condições de governabilidade ao país e, ao mesmo tempo, participar das decisões políticas de interesse nacional. Então, como o PT é hoje o primeiro partido, citado na opinião pública, e o segundo é o PMDB, uma aliança estratégica entre esses dois partidos significaria uma estabilidade política grande.

CONFLITO

Não acho que tenha havido um conflito entre as duas casas. O que acontece é que, sendo instituições políticas, cada uma delas quer prestar mais trabalho. Cada deputado ou senador quer se empenhar mais nas matérias que estão sujeitas à nossa decisão. Dificilmente, na história do parlamento brasileiro tivemos dois presidentes tão integrados como eu e o presidente da Câmara. O João Paulo é figura excepcional e tem feito um trabalho extraordinário, com muita paciência e experiência.

CREDIBILIDADE

Uma vantagem que o Congresso tem é que somos o poder com menor índice de corrupção, segundo as pesquisas de opinião pública. O Congresso é a sociedade brasileira que, na sua diversidade, está dentro do parlamento. Aqui é a Casa onde cada cidadão tem o direito de vir trazer o seu manifesto. Vai sair certo de que sua voz está representada. O Congresso tem sempre alguém que possa vocalizar aqueles seus sentimentos. Por isso, o Congresso é um poder muito exposto. Isso acontece no mundo inteiro. Como todas as decisões são feitas à luz do dia, o parlamento fica mais exposto, ao contrário dos outros poderes, que não têm essa visibilidade.

REFORMA DA PREVIDÊNCIA

As reformas da Previdência e tributária são duas leis há muito tempo pedidas pelo país. Não são obra de um governo. São a aspiração de muitos governos. Todo governo, desde o meu tempo (1985-1990) e, mesmo antes de assumir a Presidência da República, já falava da necessidade de que fossem feitas essas duas reformas. A

Previdência tem se mostrado incapaz — por falta de recursos — de assistir as pessoas. Na hora de se aposentar, o trabalhador não vai receber sua aposentadoria porque não há dinheiro para pagar. Estamos saindo com a lei possível. Não é a lei boa para todo mundo, mas é a possível. Com a Reforma da Previdência, o Brasil pode organizar esse setor e com isso pode ter certeza de que não vai ter de tirar mais recursos do povo todo para colocar na Previdência.

REFORMA TRIBUTÁRIA

Todo mundo reclama que temos mais de 100 impostos, que precisamos simplificá-los, de modo que a carga tributária não fique aumentando, indefinidamente, todo ano, como tem ocorrido. Um dos objetivos do Congresso foi tentar evitar que a carga tributária aumentasse e, ao mesmo tempo, estabelecer uma certa ordem entre Estados, municípios e União, na distribuição das receitas. Estamos

dando condições para que o Brasil retome o crescimento econômico. Estamos parados há 10 anos. Todo mundo dizia, no tempo em que fui presidente, que aquela tinha sido uma década perdida. O fato é que, durante aquele tempo, crescemos 5% ao ano. Até hoje, não conseguimos crescer mais que 2% ao ano.

REFORMA POLÍTICA

O Brasil avançou no campo tecnológico, mas, do ponto de vista político, nossas instituições são muito atrasadas. O voto proporcional é do fim do século 19. Foi uma pregação positivista e permanece até hoje. Não há mais no mundo inteiro um país que exerce um sistema eleitoral como o do Brasil. A urna eletrônica é uma das mais modernas tecnologias. Libertou o eleitor de todo o poderio econômico. Agora, ele chega na cabine e fica sozinho com a máquina e os números que tem na cabeça. Desapareceu aquela ligação pessoal que existia nos sistemas eleitorais do século passado.

PARTIDOS POLÍTICOS

O sistema político brasileiro é péssimo porque não cria partidos. Os partidos brasileiros não existem. E não existem por quê? Porque a briga não é de um partido com outro. É dentro do partido, onde os candidatos ficam se estranhando de tal maneira que, depois de uma eleição, não podem nem se sentar juntos. A briga maior é entre aqueles que concorreram dentro do partido, um querendo passar à frente do outro.

AGENDA 2004

As reformas política e do Judiciário devem ser a prioridade de 2004. Elas são reformas extremamente importantes e, se nos dedicarmos a encará-las, já estaremos prestando um grande serviço ao país.

OPOSIÇÃO A LULA

O Brasil já se consolidou como um país democrático. A oposição vai fazer oposição, e é bom para a democracia que ela exista. Forte ou fraca, a oposição é benéfica e deve ser exercida da melhor maneira possível. O governo precisa estar preparado e atento para as críticas, porque isso é bom para o governo.

Não há mais, no mundo inteiro, um país que exerce um sistema eleitoral como o do Brasil. O voto proporcional é do fim do século 19



As reformas tributária e da Previdência não são obras do governo Lula. São uma aspiração de muitos governos